

Argentinos temem recessão com desvalorização do real

Buenos Aires - Os empresários e os economistas argentinos estão pessimistas a respeito do efeito que a crise brasileira terá sobre a economia do país. Apesar das palavras otimistas do governo argentino de que o país em seu conjunto não sofrerá com a desvalorização do real, os empresários fazem a previsão de que haverá recessão na Argentina, acompanhada pela queda no nível de emprego.

As contas dos executivos são claras. A crise empurra as taxas de juros para cima, portanto será mais caro tomar empréstimos para investir em produção. Além disso, o preço do dinheiro novo vindo do exterior ficou

mais caro com o aumento do risco-país da Argentina, ao ponto que o país retirou seus bônus da dívida externa dos mercados de capitais, pois a queda de sua rentabilidade acompanhou a dos bônus brasileiros depois da declaração de moratória de pagamentos anunciada pelo governador de Minas Gerais, Itamar Franco.

Com menos investimento na produção, o efeito imediato é menor aumento - senão nulo - na demanda de novos trabalhadores. Várias empresas instaladas na Argentina foram reestruturadas para se adaptar a

uma escala que incluía vendas para o Brasil. O caso mais notável, e que já sofre os efeitos da crise econômica brasileira desde o ano passado, é o da indústria automobilística. As linhas de produção foram projetadas levando em conta os carros que tinham como destino garantido o Brasil. Hoje em dia, os pátios das fábricas estão com um estoque de 60 mil veículos. Todas elas têm o seu pessoal em um regime de férias coletivas.

Os trabalhadores estão recebendo entre 75% e 50% de seus salários para ficarem em casa, com a ameaça constante de que se demanda de carros não aumentar, essas férias vão se transformar em demissões. Outro setor que deve sentir os efeitos das medidas econômicas nos próximos dias é o alimentício, principalmente os produtores de laticínios. O Brasil é o primeiro mercado estrangeiro para os produtores de leite e queijos, que agora não só temem uma quase certa diminuição das compras dos supermercados brasileiros, mas também estão apreensivos com a nova competitividade, fruto da desvalorização, dos produtos brasileiros nas gôndolas argentinas.

O governo, liderado pelo presidente Carlos Menem, está

levando adiante uma verdadeira campanha para tentar "tirar dramaticidade" da crise brasileira, mostrando a todo momento os números macroeconômicos argentinos. Segundo o ministro de Finanças, Roque Fernández, a Argentina tem reservas suficientes para manter a conversibilidade de um peso por um dólar, o que evitaria qualquer ataque especulativo sobre a moeda.

Como maneira de que futuras crises mundiais não afetassem tão fortemente as economias dos países, Menem propôs dolarizar a economia regional, e que, quando a ALCA se tornar uma realidade, o dólar fosse adotado como moeda única, imitando o Euro. A ideia foi rejeitada por todos os setores. O ex-ministro Domingo Cavallo afirmou que "não faz sentido obrigar as pessoas a usar o dólar".

No contexto da desvalorização do Real, os únicos que parecem ter ficado contentes são os quase 100 mil argentinos que estão no Brasil, pois viram suas férias ficarem mais baratas. Eles estarão felizes, pelo menos, até voltarem para casa.



CARLOS Menem: esforço para tirar dramaticidade da crise

ENRIQUE BOERO BABY

Correspondente do Jornal de Brasília